

Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife*

Mónica Franch**

Apesar da crescente visibilidade de manifestações culturais juvenis que emergem das periferias dos grandes centros urbanos, o tempo livre dos jovens pobres é comumente enxergado sob os prismas da carência, da alienação e da ameaça. Este artigo dialoga com essas concepções, apresentando alguns resultados de uma etnografia sobre o tempo livre entre jovens de uma comunidade de baixa renda do Recife. Estudando as práticas da conversa e do jogo na rua, foi possível compreender melhor como se articulam as relações entre os gêneros e entre as gerações, quais as lógicas de sociabilidade dominantes e de que maneira os jovens convivem com a violência. Igualmente, a análise de algumas instituições que oferecem atividades para ocupar o tempo dos jovens permitiu refletir sobre o discurso de combate à ociosidade, muito presente nessas organizações. Os dados advêm de pesquisa antropológica incluindo observação participante, entrevistas em profundidade e questionários.

Neste ensaio, apresento algumas questões extraídas da minha dissertação de Mestrado em Antropologia¹, uma etnografia sobre o tempo livre de jovens de periferia da Cidade do Recife. O trabalho de campo foi desenvolvido no ano de 1999 numa comunidade de baixa renda da capital pernambucana, incluindo seis meses de observação participante, aplicação de 80 questionários entre jovens de ambos os sexos e realização de 30 entrevistas em profundidade, divididas nas seguintes categorias: oito entrevistas com responsáveis por

espaços de lazer juvenil, três entrevistas com genitores, cinco com líderes comunitários e 15 com jovens (oito rapazes e sete moças).

Também são incorporados à análise alguns dados da pesquisa intitulada *Os jovens e a cidade: habilidades, conhecimentos e reprodução social*, que está sendo desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, em parceria com o Instituto de Antropologia da Universidade de Copenhague². Mais precisamente, são incluídas informações

* Este trabalho foi apresentado no XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, de 4 a 8 de novembro de 2002.

** Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Família, Gênero e Sexualidade – FAGES, UFPE.

¹ Defendida em dezembro de 2000 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, sob a orientação da professora dra. Judith Chambliss Hoffnagel.

² Trata-se de um projeto internacional de pesquisa desenvolvido pelo referido instituto em três cidades (Kathmandu, Lusaka e Recife), sempre em colaboração com programas universitários locais. Compreende a realização de um estudo de caso em cada cidade, com diversos grupos de jovens, e de três estudos transversais por especialistas nas áreas de habitação, mídia e educação. O projeto investiga os processos de aquisição de habilidades para a vida adulta, relacionando-os com questões de gênero, classe social, etnia e casta. A coordenadora geral é Karen Tranberg (Northwestern University, Chicago). Anne Line Dalsgaard, do Instituto de Antropologia de Copenhague, coordena a equipe estrangeira no Brasil e Russell Parry Scott (PPGA-UFPE) é o coordenador nacional. Algumas entrevistas incluídas neste artigo foram realizadas pela autora junto com Kate Gough, professora associada do Departamento de Geografia da Universidade de Copenhague, responsável pelo estudo transversal sobre moradia.

atualizadas da comunidade acima referida, obtidas pela observação e realização de entrevistas nos meses de setembro de 2001 a maio de 2002.

O trabalho está dividido em três partes. Em primeiro lugar, teço alguns questionamentos a respeito das temáticas que norteiam este artigo – juventude e tempo livre. Em seguida, faço uma breve apresentação do contexto onde o estudo foi realizado, selecionando algumas das muitas práticas juvenis: as conversas, o jogo na rua e a participação em atividades formais de lazer. Finalmente, ensaio algumas considerações que relacionam essas práticas com os discursos mais recorrentes sobre juventude, sugerindo algumas chaves para uma melhor compreensão dessa problemática.

Considerações teóricas

Nos últimos anos vem ocorrendo um significativo revigoramento do interesse pela juventude no país. Não apenas aumentaram a exposição dos jovens na mídia e sua presença no debate público em geral, como também começaram a despontar novas maneiras de se enxergar os jovens e suas formas de participação na sociedade. Dentre as perspectivas emergentes, a dimensão do tempo livre vem ganhando visibilidade, sobretudo a partir das produções artísticas juvenis, com destaque naquelas surgidas nas periferias das grandes cidades brasileiras. Grupos de *hip hop*, *funk* e outros estilos musicais têm hoje espaço crescente para apresentação de suas propostas nos meios de comunicação de massa, recebem atenção de instituições governamentais e de organizações não-governamentais, bem como despertam a curiosidade dos estudiosos da juventude em vários campos do conhecimento, notadamente nas ciências sociais (Novaes, 2002; Abramo *et al.*, 2000).

É claro que essa mudança de perspectiva convive com as abordagens mais tradicionais da juventude a partir dos âmbitos da educação, do trabalho, da política (movimentos estudantis e revolucionários), da saúde (com ênfase na saúde reprodutiva) e, cada vez mais, da delinqüência e da chamada violência urbana. Neste último caso, a proliferação de estudos, reportagens e outras formas de divulgação que aliam juventude e violência responde, em parte, às alarmantes estatísticas nesse grupo de idade³. Todavia, tal ênfase também compõe um discurso ideológico que vem responsabilizando os jovens, sobretudo os jovens pobres, pelas principais ameaças que pairam sobre a nossa tão precária ordem social. Como é bem sabido, a consideração da juventude como problema está presente tanto no senso comum como nas ciências voltadas ao estudo das sociedades, tornando-se mais evidente ainda no caso dos jovens de periferia, que aliam à condição juvenil, percebida como potencialmente problemática, o estigma de pertencerem a um estrato social identificado com a criminalidade⁴.

A tematização da juventude como problema social contribuiu, durante muitos anos, para silenciar os estudos sobre o lazer juvenil, temática considerada supérflua, sobretudo para o estudo dos jovens de periferia. De fato, o tempo livre desse grupo social somente começa a merecer a atenção da academia a partir da segunda metade do século XX, com a explosão das chamadas “tribos urbanas” (*punks*, *mods* etc.), muitas delas surgidas em bairros de operários e excluídos sociais (Feixa, 1998; Abramo, 1994). Todo um campo de estudos de “culturas juvenis” iria se desenvolver a partir desse momento, devotado à análise de novas identidades juvenis, frequentemente ligadas à música e ao *teenage market*.

³ Não é minha intenção relacionar os inúmeros trabalhos que abordam a relação entre juventude e violência. Recentemente, a Unesco tem estimulado muito essa área, destacando-se as três edições dos *Mapas da violência*, vários estudos sobre jovens urbanos empregando metodologia qualitativa e quantitativa, bem como a análise de experiências alternativas organizada por Castro *et al.* (2001).

⁴ Discorro sobre esse assunto no capítulo 2 da minha dissertação de Mestrado (Franch, 2000). Ver, entre outros, os trabalhos de Abramo (1994 e 1997) e Feixa (1998).

No Brasil, apenas nos últimos tempos as atividades realizadas pelos jovens de periferia em seu tempo livre começam a ser entendidas como formas significativas de expressão e participação de grupos juvenis no cenário atual. Desde o pioneiro estudo de Hermano Viana (1988) sobre o *funk* carioca, um número crescente de autores vem se interessando pelo que os jovens fazem fora da escola e do trabalho, o que tem contribuído para jogar luz a modos propriamente juvenis de estar no mundo⁵.

Apesar desse crescente interesse, existe um recorte importante na maneira em que o tempo livre é introduzido tanto nos estudos sobre juventude como nas propostas de atuação junto ao público juvenil, principalmente quando consideramos a juventude pobre. Em geral, a ênfase recai sobre aquelas práticas que promovem identidades coletivas e que produzem formas de expressão no meio artístico, cultural ou político transpondo, com frequência, os limites do local de moradia dos jovens. Tais enfoques entroncam facilmente com os estudos devotados às culturas juvenis anteriormente referidos. Todavia, práticas enraizadas no cotidiano, mais diretamente ligadas às redes de vizinhança e parentesco e que não comportam, a princípio, propostas de transformação da ordem social, têm recebido escassa atenção. O tempo livre cotidiano dos jovens de periferia continua sendo enxergado, usualmente, sob os prismas da carência (destacando-se tudo aquilo que os jovens não fazem), da ameaça (sobretudo em relação à violência) e da alienação (em contraposição a práticas consideradas *engajadas*), perspectivas que têm redundado num desinteresse e até depreciação de grande número de atividades que os jovens desenvolvem quando não estão na escola nem trabalhando.

Buscando enriquecer o debate sobre juventude, o foco deste trabalho desloca-se para as práticas recreativas que envolvem jovens de periferia no seu cotidiano, atividades estas fortemente inseridas nas redes de parentesco, amizade e vizinhança, que nos permitem compreender aspectos importantes da vivência desse grupo social, como as relações de gênero e entre as gerações, as lógicas de sociabilidade e os processos de criação de identidades locais⁶. Mais precisamente, estarei apresentando práticas que se desenvolvem, preferencialmente, nas casas e ruas da comunidade do Vietnã, na zona oeste do Recife, envolvendo jovens de algumas microculturas⁷ com os quais foi possível estabelecer uma relação de cumplicidade.

Um primeiro ponto a destacar diz respeito à negativa de trabalhar com jovens ativamente envolvidos com o mundo da delinqüência. Surgida inicialmente em respeito às divisões internas da comunidade, essa escolha foi se firmando como contraponto à ênfase que o tema da delinqüência possui na compreensão do fenômeno da juventude, tirando de foco todos aqueles jovens que não têm envolvimento direto com essas atividades (e que constituem, sempre é bom lembrar, a maioria dos jovens de periferia). Outro aspecto importante é o fato de não ter privilegiado lideranças políticas, “culturas” ou “estilos” juvenis, prestando-lhes atenção apenas na medida em que se manifestassem relevantes para o universo pesquisado. Por fim, cuidado especial foi dado no sentido de fugir à representação das classes populares como segmentos da falta, por compreender, com Cynthia Sarti (1996, p. 18), que “o resultado [dessa representação] acaba sendo a desatenção para a vida social e simbólica dos pobres no que ela representa enquanto positividade

⁵ Apenas para citar alguns, refiro o inovador trabalho de Abramo (1994) sobre *punks e rockers* paulistanos, os estudos de Cechetto (1998) e Souto (1997) sobre *funk* e, finalmente, os de Sposito (1994), Arce (1999) e Novaes (2002) sobre o *hip hop*, estilo que vem ganhando visibilidade no âmbito acadêmico.

⁶ Apesar de ter sido uma área bastante negligenciada, o estudo do lazer nas classes populares já conta com importantes antecedentes. Não podemos deixar de remeter ao pioneiro *Festa no pedaço*, de Magnani (1998).

⁷ Seguindo definição de Amit-Talai e Wulff (1995), são microculturas os pequenos grupos em que as pessoas passam boa parte da sua existência social elaborando universos compartilhados de significado – o grupo de escola, a família, os colegas de trabalho. Entre os jovens, muitas dessas microculturas encontram-se ligadas aos espaços de estudo e de lazer.

concreta, a partir da qual se define o horizonte de sua atuação no mundo social e a possibilidade de transposição desta atuação para o plano propriamente político”.

Para uma melhor compreensão do tema, a análise incorpora algumas das teses a respeito do tempo livre elaboradas pelos sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning no seu livro *A busca da excitação: esporte e ócio no processo civilizador*. Segundo os autores, as práticas recreativas precisam ser compreendidas à luz da teoria do processo civilizador, como enclaves necessários para o descontrolo e a experimentação de emoções mais intensas naquelas sociedades nas quais as relações sociais são rigidamente rotinizadas⁸, exigindo-se alto grau de autocontrolo dos indivíduos:

Nas sociedades industriais avançadas, as atividades recreativas constituem um reduto no qual, com a aprovação social, pode expressar-se em público um moderado nível de emoção. Não poderemos entender o caráter específico e as funções concretas do lazer nestas sociedades se não percebermos que, em geral, o nível de controle das emoções, tanto na vida pública como na privada, tem-se elevado em relação ao das sociedades menos diferenciadas. (Elias e Dunning, 1996, p. 85)

Com base nesta compreensão, os autores elaboram uma escala de atividades do tempo livre, situando, num dos extremos, as práticas puramente recreativas e, no outro, aquelas que mal conseguem se distanciar da rotina, constituindo-se numa esfera intermediária entre a obrigação e a descontração. Além de valorizar a tensão como um elemento positivo na busca por rupturas com o cotidiano, sua análise tem a vantagem de não se restringir ao lazer propriamente dito, abrindo-se para outras atividades que se mostraram fundamentais na minha pesquisa.

Feitas essas considerações, passemos à segunda parte do trabalho, onde serão apresentadas algumas características da área pesquisada, para, em seguida, iniciarmos a descrição de algumas das atividades recreativas dos jovens do Vietnã.

Os jovens e seus passatempos

A pesquisa foi realizada na comunidade do Vietnã, no Recife, uma área considerada muito pobre, com renda média dos chefes de família abaixo do salário mínimo, onde moram aproximadamente 2.300 pessoas⁹. As terras onde hoje se ergue a comunidade foram invadidas no final da década de 60, época em que as notícias da Guerra do Vietnã enchiam os noticiários das televisões do país, emprestando seu nome a mais uma favela que nascia na capital pernambucana. A maioria dos moradores tem a pose das terras que habita, após ação de usucapião iniciada em 1987, embora novas invasões tenham ocorrido recentemente.

A malha urbana do Vietnã é constituída por algumas ruas largas e uma infinidade de travessas e becos, a maioria sem pavimentação nem saneamento básico. O terreno é plano e, embora haja alguns barracos de madeira, a maioria das casas é de tijolo, de um a dois andares. As ruas maiores concentram os serviços da comunidade: várias igrejas que organizam atividades para jovens, uma escola comunitária onde também funciona uma escola de música, o posto de saúde, uma escola que atende até a 4ª série, um centro de profissionalização e duas creches. O Conselho dos Moradores é comum às comunidades do Vietnã e à vizinha Vila Arraes¹⁰. Muitas atividades econômicas se desenvolvem no lugar, incluindo desde pequenas mercearias e comércios até oficinas mecânicas e criação de animais

⁸ Embora as análises de Elias e Dunning estejam referidas a sociedades distantes no espaço e, por vezes, no tempo, alguns autores já mostraram que é possível trabalhar o tempo livre levando-se em consideração a dinâmica do processo civilizador no país. Alba Zaluar (1998) escreveu sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro à luz dessa teoria, analisando o papel das escolas na pacificação das relações e a progressiva perda desse papel com o avanço do narcotráfico e a conseqüente ineficácia do Estado na garantia do monopólio da violência.

⁹ Dados do Prometropole (1999) – FIDEM/Prefeitura da Cidade do Recife.

¹⁰ Alguns dos meus interlocutores moram em Vila Arraes.

num terreno baldio limítrofe. Quanto aos espaços de lazer, é comum escutar reclamações da falta de equipamentos destinados à recreação de jovens e crianças.

A proximidade do centro da cidade, o fato de “ter tudo” na comunidade ou nas redondezas e as relações com outros moradores aparecem nas conversas como sendo os melhores aspectos de se morar no Vietnã. No ângulo oposto, fome e desemprego figuram entre as carências percebidas pela população, que também reclama da falta de uma infra-estrutura adequada. O temor à violência armada é preocupação dirigida especialmente aos jovens, que são vistos como mais suscetíveis de se envolverem em atividades ilícitas, sobretudo pelo uso de drogas. Entretanto, é consenso que o Vietnã é hoje uma “favela mansa”, golpeada ocasionalmente por situações de violência usualmente passageiras (roubos, assaltos, brigas), mas que podem subsumir a comunidade num clima de insegurança por longos períodos (enfrentamento entre famílias ou grupos de “marginais”, intervenções da polícia).

É neste cenário brevemente descrito onde se desenvolve a trama do lazer cotidiano dos jovens que conheci no Vietnã. Seguindo a escala de atividades proposta por Elias e Dunning (1996), classifiquei as práticas observadas em três grandes grupos. Num dos extremos da escala, foram agrupadas as atividades corriqueiras como a conversa entre amigos, o jogo na rua, os passeios a pé pela comunidade, as horas passadas à frente da televisão, atividades, enfim, que freqüentemente não são entendidas pelos jovens como recreação e que se desenvolvem no espaço da casa e das ruas da comunidade. No outro extremo, classificamos as práticas percebidas pelos jovens como momentos propriamente recreativos, por permitirem a experiência de uma tensão agradável e de um certo descontrole emocional – a saída para casas de shows, a participação em festas, são algumas dessas atividades. O

centro da escala foi ocupado por atividades de lazer formal oferecidas por agências juvenis, muitas das quais se situam entre a obrigação e a recreação.

Infelizmente, não será possível discorrer sobre todas essas práticas, por isso escolhi apenas aquelas que nos permitem discutir um maior número de aspectos da vivência juvenil nas periferias do Recife. E para começar a conhecer de perto alguma delas, nada melhor do que adentrarmos pelas ruas do Vietnã num horário propício aos encontros como, por exemplo, no final de tarde de um sábado qualquer.

a) “Jogar conversa fora” – as lógicas de uma sociabilidade muito próxima

Nosso percurso poderia começar pela rua Juscelândia, uma das vias largas da comunidade, onde, numa tarde de sábado qualquer, certamente iremos encontrar alguém com quem jogar um pouco de conversa fora. Com efeito, aí estão Gisela e Glória¹¹ sentadas no portão, cochichando com uma amiga que resolveu “pôr os assuntos em dia” com as irmãs. Até as 22 ou 23 horas, o fluxo de visitantes à casa das jovens irá se intensificar e é bem provável que a reunião de caráter intimista evolua para um movimentado e concorrido encontro de jovens. Desta forma, e sem precisar ir além do seu pequeno quintal, as duas simpáticas adolescentes ficarão a par das novidades da área, provavelmente rirão bastante com as ocorrências de uns e outros, falarão algumas coisas sérias e “muita leseira”, aplacando assim o tédio de mais uma tarde de sábado carente de novas perspectivas.

Postados nas esquinas, sentados na calçada ou no portão de casas como a de Gisela e Glória, é comum encontrar rodas de jovens engajados em animadas conversas ao cair da tarde. Com efeito, o hábito da conversa foi apontado como atividade preferida do tempo livre por 16,7% dos 80 jovens que responderam o questionário aberto, ficando à frente de todas as outras atividades espontaneamente referidas.

¹¹ Sempre serão usados nomes de fantasia para preservar a identidade dos informantes.

Importante elemento no viver social juvenil, a conversa cotidiana permite aos jovens elaborarem visões de mundo compartilhadas, negociarem significados e criarem as cumplicidades que alimentam a existência dos diversos grupos de amigos. É o momento em que se tornam públicos aspectos aparentemente privados como paqueras, namoros, brigas e infidelidades. Também, o evento cotidiano que permite aos jovens situar-se no emaranhado de relações que se estabelecem na comunidade, principalmente no que diz respeito à confiabilidade de outros jovens, informações estas que orientam a escolha de novos amigos e de namorados.

Entretanto, observar esses encontros não nos leva apenas a constatar que os jovens, como todo mundo sabe, gostam de um bate-papo. A composição das rodas de conversa nos informa da existência de um padrão de sociabilidade observado por vários estudiosos do modo de vida das classes populares, e que tem como principal característica a base local das relações¹². Os grupos que se formam ao cair da tarde são compostos, principalmente, por rapazes e moças da própria comunidade ou dos bairros adjacentes, podendo ser enriquecidos pela presença de alguém que já saiu da comunidade, de primos de outros bairros ou de algum rapaz que passou a freqüentar o lugar com interesses de paquera. Reivindicando a categoria nativa de “pedaço”, o antropólogo José Guilherme Magnani (1998, p. 117) descreve dessa maneira a ligação das classes populares com o seu bairro:

Vê-se, dessa forma, que a periferia dos grandes centros urbanos não configura realidade contínua e indiferenciada. Ao contrário, está repartida em espaços territorial e socialmente definidos por regras, marcas e acontecimentos que os tornam densos de significação, porque constitutivos de relações. Se se compara, por exemplo,

este quadro com o que ocorre em bairros ocupados por outros segmentos sociais, pode-se avaliar a importância que o “pedaço” representa para as camadas de rendas mais baixas. Diferentemente daqueles setores [...] uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho e a condições precárias de existência é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. Essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano.

Embora os jovens que conheci no Vietnã manifestem “fazer amigos” em toda parte, é nas proximidades da área de moradia onde estabelecem os vínculos mais intensos e duradouros com outros adolescentes. Amigos e colegas são recrutados, de preferência, desde a infância, entre os vizinhos. É com eles que se estuda nos primeiros anos de ensino formal, nas escolas situadas nas proximidades da comunidade. Com eles que se brinca na rua, que se reza na igreja, que se aprende o sentido da verdadeira amizade.

Entretanto, é também com esses amigos tão próximos que a criança e o jovem têm seus primeiros desencantamentos, motivados freqüentemente pelo “roubo” de namorados(as) ou a difamação, muitas vezes motivada por ciúme em relação a algum(a) paquera. A idade dos 14 anos, comumente identificada com o início de relacionamentos afetivos (sobretudo entre os jovens), é um dos marcos que determinam o nascimento dessa dolorosa consciência:

– Você lembra quantos anos você tinha quando teve essa decepção com sua amiga?

– Eu tinha 14 anos. Até hoje nunca esqueci. Por aquele namorado eu fazia tudo. (Lu, 17 anos)

¹² Há uma vasta literatura sobre classes populares que destaca a importância do bairro para a organização social dos pobres. Servem como exemplo os trabalhos de Sarti (1996) e de Fonseca (2000). A base local no estabelecimento de relações de amizade foi igualmente observada pela antropóloga Maria Luiza Heilborn (1984), em sua dissertação sobre jovens de camadas médias da Zona Norte do Rio de Janeiro. Esse padrão é contrastado com aquele dominante na orla carioca, onde predominaria um tipo de sociabilidade com menor inscrição espacial.

Na sua análise das relações de amizade num subúrbio carioca, Maria Luiza Heilborn (1984) refere a existência de conflitos semelhantes, principalmente entre jovens mulheres, concluindo que a amizade, nesse universo social, encontra-se subordinada às exigências do namoro e do casamento. O que eu pude observar, contudo, é o progressivo desenvolvimento entre os jovens de gradações na amizade, expressas na diferenciação entre “amigos” e “colegas”.

Existe a diferença de amiga e colega. Amiga é que a gente confia e colega é com a que a gente só conversa. Amiga a gente conta tudo e colega só passa assim por cima e muito mal. São até poucas pessoas que são minha amiga. (Helena, 15 anos)

Tem distinção. Colega é aquele que a gente conversa e que, pá!, toma uma cervejinha, brinca, pá. Amigo é aquele que a gente vê que na hora difícil ele chega para dar um ombro amigo, pro cara chegar, chorar, pá, se for o caso de chorar. Aquele cara que está nas horas difíceis e nas horas boas. Colega não, é aquele que fala, brinca, toma uma, vai, bate uma bola, pá! (Antunes, 21 anos)

A dimensão dos colegas é aquela mais próxima da recreação e da sociabilidade. Os amigos diferenciam-se dos colegas pela maior intimidade no relacionamento, pela confiança e, sobretudo, pela solidariedade que deles se pode esperar. Apanhando, mas também recebendo recompensas onde, por vezes, não espera, o jovem consegue identificar no meio do seu amplo círculo relacional aquelas pessoas com as quais pode contar, o que não torna muito atraente a perspectiva de sair da comunidade para morar em outro lugar.

Esse ambiente em que o jovem aprende a mover-se com uma certa segurança relacional fica, no entanto, pequeno diante de sua crescente necessidade de ganhar o mundo, sendo a limitação nas relações uma das reclamações mais evidenciadas de se

viver numa comunidade de baixa renda, quando se é jovem. Entre as moças, essa queixa é especialmente recorrente pois, como se sabe, sua circulação pelo espaço público é mais controlada, sobretudo no que diz respeito ao desfrute do lazer¹³. Ao ficarem mais tempo em casa ou no espaço da comunidade, torna-se mais difícil para elas ampliar seu círculo de amizades, onde também são escolhidos os namorados. Já os rapazes têm mais facilidade para transcender a esfera das “mesmas caras”, sobretudo quando contam com o auxílio do veículo juvenil por excelência: a bicicleta. A maior mobilidade dos jovens encontra sua expressão numa série de representações negativas do espaço doméstico. Dos rapazes que ficam muito tempo em casa se diz que ficam “parecendo meninas”, “doidos”, “abestalhados”, sendo a rua identificada como espaço indissociável à plena socialização masculina.

Os adultos justificam o controle dos movimentos e da sexualidade das jovens pela fragilidade que se supõe intrínseca ao belo sexo. As filhas são “as jóias” de que é preciso cuidar, ou então “o leite, que tudo pega”, demandando por isso maiores atenções. Nessas metáforas, predomina a idéia de que as meninas são frágeis, passíveis de iludir-se facilmente e de “cair na conversa” dos rapazes que estão, nessa época, à procura de aventuras sexuais, num padrão de comportamento assaz conhecido:

[...] porque os rapaz de antigamente pros rapaz de hoje em dia é a mesma coisa do que era antes, porque tudo que os rapazes querem saber, só querem saber o que é sexo, o corpo de uma moça, que de moça, de adolescente está virando moça, e daquela moça ele quer fazer ela de mulher, mas só que é um desejo carnal, não é por amor, é pelo sexo. (Maria das Dores, mãe)

O medo principal é que as filhas “quebrem a cara”, engravidando prematuramente

¹³ Em recente pesquisa com jovens de uma escola particular do Recife, Ana Paula Portella (2002) observou que o cerceamento da liberdade das moças acontece hoje principalmente nos âmbitos da sociabilidade e da sexualidade. Já no que diz respeito ao trabalho e à aprendizagem formal, o controle da circulação das meninas perde importância em face da exigência crescente por capacitação e emprego.

ou não conseguindo estabelecer casamento¹⁴. Por isso, as jovens virgens (ou cuja atividade sexual não se tornou pública com uma gravidez) têm sua circulação mais controlada pelos pais do que as jovens mães solteiras e, certamente, muito menos do que a dos rapazes. Para essas filhas, os pais estimulam as atividades desenvolvidas ora na própria casa, onde é possível exercer a vigilância diretamente, ora nas ruas e casas próximas, onde as jovens continuam submetidas ao controle social de outras mulheres, sobretudo das chamadas “fofoqueiras”¹⁵, cuja ação incide especialmente no contato das adolescentes com o sexo oposto.

Com efeito, esse contato aparece permeado de interditos, freqüentemente transgredidos, contudo impostos e sancionados pela família e pelos vizinhos. As relações entre os sexos vão se transformando com o tempo, dependendo não somente da idade mas também do momento do ciclo de vida em que a jovem se encontra. Das moças mais novas, espera-se a observância de um decoro maior na relação com os rapazes, expondo-se a críticas e comentários maldosos se conversam muito com os meninos na rua e ainda mais se visitam casas onde só tem filho homem. O direito a ter amizades mistas é usualmente uma conquista das jovens de mais idade, paralela ao momento em que começam a estabelecer relações afetivas com rapazes, aumentando o fluxo de visitantes masculinos. O “namoro em casa”, que acontece sobretudo quando as jovens são muito “presas” e que tem por característica a visita do jovem à namorada em horários acordados com a família, pode supor a primeira quebra nesse padrão de relacionamento misto para elas. Todavia, é com o casamento que uma mudança mais radical é exigida das jovens esposas:

[depois que casei] mudou muito, porque quando eu era solteira eu tinha muitos

amigos, pra falar a verdade eu tinha muito amigo rapaz do que moça [...] Já que painho não deixava eu sair, os meninos tinha que vim pra casa, aí ficava aqui brincando, tomando uma cervejinha, fazendo pagode, porque eu não podia sair lá fora, mas agora não posso mais porque eu estou casada. Não é certo, pelo menos eu não acho certo uma mulher casada estar no meio de um bocado de homem bebendo e dançando. Aí eu mudei, falei com os meninos que não dava mais, que eu era uma menina casada, eu tinha que pôr a minha cabeça no lugar [...] disse: “olha, não dá mais pra gente beber e ficar dançando aqui porque eu sou uma mulher casada e tenho que mim dá ao respeito”. (Mercedes, 20 anos)

Não há de se pensar, entretanto, que a vivência dos jovens do sexo masculino é completamente livre de controles. O medo de que os rapazes venham se envolver com “pessoas erradas” também determina uma vigilância, se não ostensiva, quase sempre atenta sobre as amizades deles. O estabelecimento de relações no bairro pode ser uma garantia para os pais e para os próprios rapazes a respeito da “qualidade” das pessoas em meio às quais se move. No marco da pesquisa *Os jovens e a cidade*, foi possível perceber, embora ainda em forma de hipótese, uma tendência a fazer amigos em outras comunidades por parte daqueles adolescentes que começam a se envolver em atividades não totalmente dentro da legalidade. Nesse momento inicial, pode ser interessante não “sujar” o nome no local onde se vive, fugindo dos olhos e, sobretudo, das línguas das fofoqueiras, sempre prestes a divulgar informações que podem denegrir a imagem de outrem. Mais adiante, essa escolha pode ser a única possível diante do isolamento a que os jovens “errados” vão sendo submetidos. É o que nos conta Estácio, que, no passado, usou e comercializou drogas ilícitas:

[as pessoas da comunidade] não queriam a proximidade da gente, quando a gente

¹⁴ Entendendo por “casamento” a convivência marital, independentemente da legalização ou não dessa união.

¹⁵ No capítulo 6 da minha dissertação de Mestrado tive ocasião de discorrer com mais vagar sobre o tema. A fofoca afetando os jovens é também tratada na dissertação de Heilborn (1984), anteriormente referida. Para uma atualização desse tema, embora sem ênfase nos jovens, ver Fonseca (2000).

chegava, saíam, se afastavam, as mães evitavam de se encontrar com a gente. Quando estava a gente, o nosso grupo conversando, chegava aquela pessoa para conversar, e as mães chamavam, para não se envolver [nas drogas] como nós estávamos envolvido. Aí começavam a se afastar. A gente chegava num canto onde ele estava, eles saía também, evitava conversar. “Oi, oi, tudo bem” e saíam. Só era isso. Na escola, a mesma coisa. (Estácio, 17 anos)

O isolamento a que vão sendo submetidos os jovens “errados” faz parte dos esforços que as pessoas “certas” empreendem no sentido de diferenciarem-se do perigoso mundo da margem. Tem-se a sensação de que elas erguem uma fronteira simbólica separando, no mínimo no plano ideal, o “nós” dos “outros”¹⁶. Muitos jovens, de ambos os sexos, relataram ocasiões em que teriam sido impedidos de continuar tendo amizade com determinadas pessoas que ostentavam a fama de serem “erradas”, ora através de proibições verbais (os pais “empatam” com alguém), ora por medidas mais drásticas, incluindo agressões físicas e o afastamento temporário da comunidade quando os pais acreditam que a vida do filho corre perigo.

Notícias do envolvimento de adolescentes com atividades ilícitas e de atos violentos vitimando rapazes e moças expõem o sucesso parcial de tal estratégia, constantemente ameaçada pelo fascínio que pode exercer o estilo de vida dos “marginais”, construído na transgressão, na intensidade, na ostentação. Entretanto, a interiorização dessa fronteira simbólica, determinando uma forte rejeição moral ao mundo da marginalidade, leva a maioria dos jovens a adotar, por si, estratégias para evitar “gente errada” nos seus círculos de amizade.

Como foi possível perceber até aqui, a composição de turmas de amigos não depende apenas da empatia entre uns e outros, mas responde também à existência

de uma série de lógicas de sociabilidade que envolvem jovens e adultos, socialmente sexuados, em interação num mundo onde a violência é parte integrante, embora não exclusiva, da vivência social. A intensidade do contato entre os jovens é muito alta. Os amigos encontram-se todos os dias, na volta do trabalho, da escola ou na pelada da tarde, passam horas a fio juntos no final de semana e ainda saem em grupo quando têm oportunidade. Emergem desses encontros lembranças passageiras, desentendimentos, boas risadas. Também projetos de futuro, como o grupo de pagode *Sambrasil*, que começou “na brincadeira” e hoje já rende alguns trocados e umas poucas horas de fama semanais a vários jovens moradores do Vietnã. Nas casas, há alguns espaços e equipamentos mais ligados à experiência juvenil, como a área do portão e o aparelho de música. Já nas ruas, a presença de crianças e jovens contribui para formar a ambiência diferencial das periferias urbanas brasileiras, como teremos ocasião de perceber logo mais.

b) *“Bater bola” – a ocupação das ruas pelo lazer*

Marita está a caminho do Vietnã quando escuta a gritaria. Rapidamente, atravessa a campina chegando até a rua onde encontra as responsáveis pelo tumulto: um grupo de meninas jogando queimado e a sua torcida. As jogadoras batem a bola com força contra a equipe contrária, xingam as oponentes, fazem gestos obscenos dirigidos às outras. Também riem e relaxam quando a bola cai no rego, o que abre uma trégua na permanente excitação do jogo. Marita senta entre as colegas preparada para torcer pela equipe da irmã. Os nomes e apelidos das jogadoras misturam-se com os gritos que partem da improvisada cancha. Às vezes, a bola sai da área ameaçando bater em quem não estiver atento ou dando um banho de esgoto nos observadores desavisados, ocorrências que não perturbam o

¹⁶ Cabe citar aqui os vários trabalhos de Zaluar sobre a violência no Rio de Janeiro. Em *A máquina e a revolta* (1985), a autora aponta a importância da oposição “trabalhador” e “bandido” entre os moradores do conjunto habitacional Cidade de Deus. Essa e outras oposições também são trabalhadas por Sarti (1996) para os pobres de São Paulo. Discorro com mais vagar sobre esse assunto no capítulo 6 da minha dissertação de Mestrado.

andamento da recreação, prestes a estender-se, mudando as participantes, até as últimas horas de mais uma tarde de sábado no Vietnã.

Jogos como o de queimado acontecem a toda hora e em todo lugar, sendo uma das expressões mais visíveis da ocupação das ruas pela sua população mais jovem. Desenvolver nas ruas jogos, conversas e outras práticas recreativas não pode ser visto apenas como simples reflexo da falta de equipamentos específicos para o lazer. A ocupação das ruas é mais uma expressão da maneira pela qual os moradores de periferia se relacionam com o lugar onde moram. Como já foi sugerido, o bairro constitui um espaço ao mesmo tempo público e privado, qualificado pelo cruzamento cotidiano das trajetórias, pela existência de redes de parentesco, amizade e vizinhança. Por isso, o estilo de vida coletivo nas periferias encontra-se fortemente inserido no espaço físico, que adquire, desta forma, plena significação social: “O bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de pertença indelével, na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública.” (Mayol, 1996, p. 44).

A exceção dos jogos de mesa (dominó e baralho, muitas vezes mediando apostas), jogar constitui uma prática basicamente infantil e juvenil, apresentando ainda divisão por gênero e por idade. Nos questionários abertos, a prática de jogos na rua foi referida por 60% dos rapazes e apenas por 33,3% das moças, sugerindo que o esporte, mesmo em sua face menos competitiva do jogo, tende a ser território masculino. Em geral, o leque de brincadeiras que os jovens referem vai se estreitando com o passar dos anos, sinalizando não apenas o aumento de responsabilidades na adolescência, mas principalmente a sobreposição de novos interesses ao desejo de fantasia e destreza da esfera lúdica infantil. As brincadeiras de

infância (bola de gude, pular corda, brincar de boneca...), como eles dizem, “vão enjoando”. No seu lugar, emergem atividades diretamente ligadas à aproximação com o sexo oposto, hábitos como o da conversa, que indicam novas formas de exercer a sociabilidade no grupo de amigos, bem como a fruição da mobilidade, fruto das crescentes parcelas de liberdade que muitos jovens conquistam. Sobretudo, certas brincadeiras “não pegam bem” para rapazes e moças e são, por isso, deixadas de lado na puberdade¹⁷. Superam essa rejeição alguns jogos de equipe, como o de queimado para as meninas e o de futebol para ambos os sexos, embora com claro predomínio masculino e aberto à participação de adultos.

Jogar não é uma atividade que diz respeito apenas aos jogadores. No Vietnã, alguns jogos conseguem mobilizar animadas torcidas de jovens que se deixam contagiar pela excitação do conflito lúdico nas ruas. O jogo, introduzindo um “intervalo em nossa vida cotidiana” (Huizinga, 1980, p. 12), fascina os passeantes, mobiliza platéias improvisadas que são, por vezes, mais responsáveis do que os próprios jogadores pelo barulho que acompanha o evento lúdico nas vias públicas, chegando a atrair a antipatia dos vizinhos à área do jogo:

E se brincar, brinca na rua, né? O pessoal brigando porque quando os meninos vêm jogar bola aqui na frente de casa mesmo a gente não quer. Claro, porque nem toda hora a gente agüenta a zoada no ouvido da gente, que bate uma coisa, bate numa telha e quebra. E tem as valas a céu aberto. Eles não têm área de lazer. (Cecília, mãe)

Mesmo sendo geralmente bem aceito, o jogo na rua pode ocasionar conflitos entre as gerações, nos quais se expressa uma certa hostilidade dos adultos em relação aos jovens – brigas verbais, colocação de obstáculos como cacos de vidro no chão para impedir a realização dos jogos etc. Essa mesma hostilidade está latente, ao que

¹⁷ A associação entre a infância e o jogo parece ser um traço das sociedades ocidentais, a julgar pelas alusões contidas no livro *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*, de Johan Huizinga (1980). Considerações sobre o gênero no esporte podem ser encontradas em Dunning e Maguire (1997).

me parece, na ação das fofqueiras que observam cuidadosamente o comportamento dos (e sobretudo das) jovens na rua, com o objetivo de espalhar comentários a seu respeito. Inspirada nas interpretações de Pierre Bourdieu (2000, p. 150), entendo essas dinâmicas a partir da ameaça que os jovens supõem para os mais velhos enquanto símbolos de um futuro que retirará cada vez mais a importância social que ora os adultos possuem, ameaça mais premente em contextos como o estudado, situados à margem dos espaços hegemônicos de poder.

Ao permitirem uma certa fuga do cotidiano (Elias e Dunning, 1996), atividades recreativas como o jogo na rua propiciam chances de afugentar o fantasma do tédio, mas também de escapar da pressão social quando esta se torna difícil de agüentar. Um exemplo disso nos foi dado por um grupo de rapazes da comunidade que, até recentemente, jogava futebol todas as tardes num campo de aterro num bairro próximo ao Vietnã. Garotos mais novos e meninas raramente participavam dessa atividade, que implicava uma distância maior das redes de controle social comunitárias. Os jogadores do campo do aterro eram, em muitos casos, meninos desempregados ou subempregados que preferiam estar envolvidos nessa atividade a ficar sem fazer nada em casa. Adultos na mesma situação não raro matam seu tempo no bar ou numa barraca qualquer, bebendo cachaça desde as primeiras horas do dia. Para os jovens, no entanto, ainda resta a alternativa do jogo, atividade que estabelece uma agradável rotina na sua semana, favorecendo igualmente o encontro com outros rapazes em situação parecida de comunidades próximas. Além desse aspecto, os jovens explicitavam que o jogo de futebol longe do Vietnã era uma forma de furtar-se às críticas pelo fato de estarem desempregados, às vezes vindas da própria família, noutras na forma de comentários maliciosos dos vizinhos: “Se você não tem emprego, para mãe e pai você é errado” – disse-me um jovem de 21 anos.

Alguns jogos, como o descrito acima, têm horário mais ou menos determinado de

início e fim, mas a maioria das brincadeiras que acontecem pelas ruas começa de forma casual, quando alguém pega a bola e vai de casa em casa procurando comparsas. Uma vez na rua, os jogadores devem estar abertos para aproveitar as circunstâncias, que influenciam inclusive a escolha do lugar onde jogar. A imprevisibilidade quanto ao espaço do jogo, usualmente bem aceita (e em alguns casos até desejada) pelos jogadores, torna-se fator de preocupação das famílias, justificando as contínuas demandas em favor de se dotar a área de uma quadra de esportes:

Ele só quer jogar bola. Aí se eles tivessem um espaço aonde eles jogassem, que soubesse aonde estivesse, entendeu? Mas ele aonde ele vê um espaço, ele vai com a bolinha deles. O dia todinho. [...] Aí, pronto, aí eu fico doidinha, preocupada. (Cecília, mãe de adolescentes)

O jogo na rua permite a interpenetração de outras dinâmicas comunitárias, o que pode não ser muito bom (violência, fofoca) ou, pelo contrário, resultar aprazível aos jogadores (possibilidades de paquera, encontros casuais etc.). Devido a esse potencial de surpresa inscrito na rua, custa acreditar que a implantação de uma quadra esportiva eliminaria essa prática, perspectiva presente nas reivindicações dos adultos para a dotação de um espaço de esportes. A ênfase dos adultos na construção de uma quadra esportiva para os jogos das crianças e dos jovens responde, é claro, à constatação da falta de espaços de lazer para esse público, carência que se torna mais um sinal de exclusão, pelo valor simbólico que tais espaços possuem. Contudo, tal reivindicação também é motivada pelo desejo de afastar os moradores mais jovens das ruas, desejo enraizado nas representações negativas do espaço público e herdeiro das conceituações da adolescência como uma fase perigosa, a ser controlada e contida. Presentes no senso comum, tais percepções justificam a existência de uma série de espaços voltados à ocupação do tempo livre juvenil, sobre os quais discorrerei a seguir.

c) Espaços formais de lazer

A poucos metros do movimentado jogo de queimado está-se formando uma rodinha de jovens à espera, parece, de algum acontecimento. Inácio e Chico, que são irmãos, carregam pastas sob o braço, enquanto Mário veio somente com sua bicicleta, ainda sem decidir qual o destino a seguir. Débora é a mais sabida do grupo, no mínimo quando o assunto é música, pois foi uma das primeiras alunas na escola da comunidade onde os três rapazes iniciaram recentemente sua aprendizagem musical. Aproveitando os minutos antes da chegada do professor, Inácio fala da sua intenção de escolher o teclado como instrumento, tão logo terminarem as aulas de solfejo. “Eu também acho teclado muito bonito” – comenta Débora, encorajando o rapaz. “Eu já toquei, logo quando começou aqui. Só deixei por causa do estágio que fui fazer.”

Inácio, Chico, Débora e Mário fazem parte de um grupo atípico, mas não por isso menos representativo da juventude de periferia, formado por rapazes e moças que freqüentam espaços formais de lazer como grupos de igreja, agremiações esportivas, grupos de capoeira, muito diferentes das práticas espontâneas descritas até aqui. Embora os objetivos e formas possam variar bastante, as atividades formais de lazer mantêm certos aspectos em comum: são gerenciadas por adultos, acontecem de portas fechadas, em horários e dias fixos, apresentando uma hierarquia de funções diferente da escolar ou profissional mas evidente e inquestionável. Na literatura sobre juventude, são freqüentemente descritas como “agências juvenis”, ressaltando-se sua função de socialização dos jovens na sua progressiva inserção ao mundo dos adultos. Surgiram historicamente em finais do século XIX e princípios do XX, de forma paralela à progressiva definição das imagens culturais que hoje conformam a juventude:

Nessa época, a escola secundária universaliza-se, os jovens são expulsos do mercado de trabalho e emergem as primeiras associações juvenis modernas dedicadas ao tempo livre, como os *vanderwögel* na Alemanha e os *boy scouts* na Inglaterra.

Também proliferam as teorias psicológicas e sociológicas sobre a instabilidade e vulnerabilidade da adolescência [...]: todas elas servem para justificar a separação dos jovens do mundo adulto. (Feixa, 1998, p. 32)

Existentes em todas as camadas sociais, essas agências têm proliferado nas comunidades de baixa renda, principalmente como resposta ao avanço da criminalidade entre crianças e jovens de periferia. No Vietnã, a preocupação com a violência e com a possível entrada dos jovens na marginalidade está continuamente presente no discurso das agências juvenis, como podemos ver neste trecho extraído do documento de divulgação da escola de música local:

A preocupação dos voluntários fundadores da escola surgiu em decorrência da necessidade de se propiciar melhores oportunidades às crianças e adolescentes da comunidade do Vietnã, através de atividades que os encaminhassem a um futuro melhor, evitando o risco de se exporem à marginalidade, o que infelizmente ocorre com maior freqüência nas comunidades carentes.

A perspectiva de mudar a trajetória de vida de jovens que, de outro modo, poderiam enveredar pelo “caminho errado” é uma das expectativas que mais alimenta a dedicação e o esforço dos profissionais e voluntários desse tipo de organizações. No plano das intenções, no mínimo, as agências juvenis do Vietnã atuam ora na prevenção à passagem para o mundo da delinqüência, ora reconduzindo os jovens que “erraram” para o “caminho certo”, por meio de atividades que os afastam das ruas nas suas horas vagas.

Com efeito, a compreensão de que a rua é um lugar perigoso e inadequado para os jovens coloca essas atividades no pólo oposto às práticas espontâneas que vimos anteriormente, como a conversa e o jogo na rua. O discurso dominante nesses lugares é o do descrédito aos mecanismos de controle social existentes na comunidade, desmentindo a existência das pressões de que rapazes, e sobretudo moças, reclamam com freqüência. O universo das atividades formais é, deste modo, apresentado como contraponto a um outro mundo, desregrado e ameaçador para o pleno desenvolvimento dos jovens, o mundo da rua: “Alguns [pais]

inclusive vêm trazer os filhos aqui, porque eles vêm que é uma coisa realmente muito boa, prende eles, o jovem não está solto por aí para que uma outra pessoa venha e chame ele para a droga.” (líder comunitária). No caso extremo de algumas igrejas evangélicas, a oposição entre a rua e a comunidade de sentido é expressa na prescrição de que os jovens religiosos (“os crentes”) neguem “o mundo” – as danças, as roupas curtas, o jogo de futebol e, certamente, o uso de bebidas alcoólicas.

Para os jovens, as atividades formais de lazer aparecem como interessantes estratégias para furtar-se à mesmice, quer pela aprendizagem de novas habilidades (cursos profissionalizantes), quer pela possibilidade de conhecer outros lugares e novas pessoas nas visitas a igrejas, passeios organizados e outras saídas da rotina. Além disso, tais atividades contam com a vantagem de serem, em geral, muito bem aceitas pelos pais dos jovens, colocando-se por vezes como únicas alternativas legitimadas de lazer.

Do ponto de vista dos seus responsáveis, é destacada a importância das atividades oferecidas para fazer face ao que é entendido como uma das mais perigosas mazelas que cercam a vivência juvenil: a ociosidade. Com efeito, existe um consenso a respeito da necessidade de os jovens terem o máximo de ocupações no seu tempo livre, já que a desocupação é responsabilizada pela queda de alguns jovens na armadilha do crime, além de ser vista como a causa de inúmeras falhas no caráter ou na moral de rapazes e moças:

Entre os objetivos da Escola, a gente pensa na formação da pessoa, né? Na valorização de cada um. Então tem a profissionalização, mas tem também as mudanças no comportamento. O ponto maior é esse: mantê-los ocupados para que não entrem no caminho da marginalidade, nas drogas ou nas atividades marginais. (Responsável por um espaço de lazer formal)

Drogas, esse é o [perigo] número um. Drogas, prostituição. As meninas aqui com 10, 11 anos, geralmente aparece uma gravidez, que o que a gente mais vê agora é gravidez na adolescência. E eu acho que princi-

palmente existe a desocupação, a gente tem que ter atividade para esses jovens ficarem ocupados porque à medida que eles ficam ociosos, aí já viu, né, aí vão puxando pra as drogas, vão ficar perambulando por aí, vão pra rua. (Líder comunitária)

A assimilação entre a ociosidade e o vício não é, com certeza, uma representação específica da comunidade do Vietnã. Sabe-se que a conformação dessa representação correu paralela à moral do ascetismo e à valorização do trabalho, pilares básicos da Reforma Protestante, constituindo-se em condição *sine qua non* para o advento do capitalismo e para a construção da racionalidade capitalista ocidental moderna, que condenaria para sempre as outrora virtudes do ócio e da preguiça. No Brasil, o desenvolvimento de uma ética do trabalho reveste-se de características próprias de uma sociedade de tradição escravocrata e ainda cindida por profundas desigualdades sociais. Neste sentido, a condenação da preguiça faz parte de um discurso que estigmatiza as etnias dominadas e as populações situadas à margem da integração social:

O laço que ata preguiça e pecado é um nó invisível que prende imagens sociais de escárnio, condenação e medo. É assim que aparecem para os brasileiros brancos as figuras do índio preguiçoso e do negro indolente, construídas no final do século XIX, quando o capitalismo exigiu a abolição da escravidão e substituiu a mão-de-obra escrava pela do imigrante europeu, chamado trabalhador livre [...]. É ainda a mesma imagem que aparece na construção, feita por Monteiro Lobato no início deste século, do Jeca Tatu, o caipira ocioso devorado pelos vermes enquanto a plantação é devorada pelas saúvas. Nesse imaginário, “a preguiça é a mãe de todos os vícios” e nela vêm inscrever-se, hoje, o nordestino preguiçoso, a criança de rua vadia [...], o mendigo – “jovem, forte, saudável, que devia estar trabalhando em vez de vadiar”. É ela, enfim, que força o trabalhador desempregado a sentir-se humilhado, culpado e um pária social. (Chauí, 1999, p. 10)

Quando, nessas agências, a desocupação juvenil é colocada como um dos piores entraves para a socialização bem-sucedida dos jovens, corre-se o risco de deslocar a ênfase de aspectos tais como miséria,

desigualdade social ou outras questões estruturais para a falta de atividades, o que, em última instância, é mais uma expressão da ideologia que responsabiliza os pobres pela situação social em que se encontram. Segundo essa interpretação, o acesso às drogas e a iniciação sexual precoce estariam sendo efetivados sorrateiramente nessas horas passadas longe dos estudos e do trabalho, à margem do controle dos adultos. Tal percepção encontra-se tão arraigada que não há questionamentos a seu respeito: invariavelmente, quando o assunto é jovem, o tempo livre é visto como fonte de perigo, uma das principais causas que afastam rapazes e moças do “caminho do bem”, arrastando-os pela trilha dos criminosos ou por outras indesejáveis sendas. Por esses motivos, ocupar o tempo livre passa a ser a palavra de ordem das agências infanto-juvenis. Ocupar, disciplinar, domesticar:

Está provado cientificamente que com a música a pessoa muda a cabeça, torna-se mais disciplinada, sem agressividade. Geralmente os músicos não são agressivos. A música é uma terapia. (Dirigente da Escola de Música)

Capoeira é muito bom. Às vezes a pessoa está deprimida, ou triste, vai numa roda, joga, tá novo! Às vezes está com aquela raiva, chega na roda, descarrega, volta pra casa calmo, relaxado. A capoeira, pra mim, é uma terapia. E eu sempre falo para os meus alunos: o capoeira aprende a se controlar, não responde às provocações. O bom capoeira só luta na roda. (Instrutor de capoeira)

Nos dias de hoje, controlar as explosões de emoção violenta pode trazer benefícios indiscutíveis. Neste sentido, as agências juvenis poderiam ser consideradas como agentes do processo civilizador entre os jovens de periferia, por fomentarem práticas contrárias ao uso da violência interpessoal, entre as quais figura a inibição à agressividade. Além disso, são, conforme foi comentado, importantes espaços para o lazer de alguns jovens, comunidades de sentido onde é possível encontrar pares, criar identidades, ressignificar, enfim, a experiência juvenil entre pares. Entretanto, algumas dessas atividades escorregam

facilmente para a lógica do combate à vadiagem referida. Neste sentido, as agências juvenis podem estar servindo, indiretamente, como estímulo à difusão da ideologia individualista e da ética do trabalho que responsabilizam cada indivíduo pelo sucesso ou fracasso da sua trajetória. Num momento de acirramento das desigualdades no país, acompanhado de um discurso neoliberal quase hegemônico, é bom não perder de vista essa perspectiva, tanto na hora de analisar essas práticas quanto, principalmente, na sua implementação junto aos jovens de periferia.

Considerações finais

Neste artigo, procurei relacionar as atividades de lazer com a organização social em que se inserem e da qual nos informam. Assim, vimos que a vivência juvenil na periferia tem uma forte inscrição de gênero, que limita os movimentos e o acesso a experiências das meninas quando dissociados de objetivos interessados como os estudos e o trabalho. A pressão social também atua sobre os jovens do sexo masculino, não na direção de limitar seus movimentos, mas antes o contrário, forçando-os a ir às ruas e, sobretudo, a assumir o quanto antes o esperado papel do provedor. Em determinadas circunstâncias, como no caso dos jovens desempregados que jogavam futebol todas as tardes, as atividades de lazer podem aparecer como espaços para a recuperação de um valor que lhes é negado quando falham na satisfação das demandas sociais.

Ao concentrar boa parte dos anseios e valores das novas gerações, o tempo livre emerge também como lugar de conflito entre diferentes grupos de idade, destacando-se dois temas fundamentais: quem, como e quando tem o direito ao exercício da sexualidade e de que maneira se estabelecem as relações com o mundo da violência. Em ambos os casos, observamos tentativas de afirmação da autoridade adulta e vimos também como esta pode ser posta em xeque pelas práticas juvenis. Percebemos, ainda, que embora a

violência seja um fator de extrema importância na organização social das periferias, é possível falar dos jovens sem enfatizar esse assunto, da mesma maneira que para eles é possível viver e se relacionar sem pensar continuamente nessa ameaça.

Finalmente, a breve análise das atividades formais de lazer nos permitiu refletir sobre alguns aspectos importantes na hora de se pensar em intervenções junto ao público juvenil. Assim, vimos que essas atividades se constituem, em grande parte, em oposição às práticas espontâneas de lazer juvenil, chegando a lançar sobre elas atributos extremamente negativos, como uma forma de propiciar a criação de uma comunidade de sentido coesa e diferenciada. Também observamos a armadilha que pode supor advogar pela velha máxima de “mente ociosa, oficina do diabo”, idéia que justifica qualquer intervenção a qualquer custo. É importante deixar claro, entretanto, que esses alertas são lançados a título de reflexão, pois os espaços de lazer formal são muito apreciados pelos jovens que os freqüentam, sujeitos dessas práticas e não receptores passivos das propostas dos agentes juvenis. Os jovens assumem papéis nesses espaços, manifestando sua aceitação ou rejeição às atividades fazendo uso de uma linguagem

facilmente compreensível: se não gostam, não comparecem.

Para finalizar, só resta chamar a atenção para alguns aspectos da proposta deste ensaio. Ao longo do trabalho, tentei mostrar de que maneira o estudo do tempo livre pode contribuir para uma melhor compreensão da experiência cotidiana dos jovens de periferia. O método etnográfico, com sua ênfase na valorização dos significados das práticas para os sujeitos, permitiu-nos superar a visão muito comum de que nas comunidades de baixa renda os jovens não têm, conforme questiono no título deste trabalho, nada para fazer. Sem negar o fato de que estamos numa sociedade de classes, onde os bens sociais se distribuem de forma desigual, a análise do lazer no dia-a-dia de uma comunidade de baixa renda permite-nos constatar a existência de uma cultura recreativa complexa, baseada na valorização das relações pessoais e na apropriação coletiva dos espaços privados e públicos do bairro. É com base nesses aspectos que são introduzidos na rotina diária elementos lúdicos e emotivos, que emprestam um colorido especial ao passar dos dias, ao mesmo tempo em que firmam, mas também transformam, os aspectos mais relevantes da organização social.

Referências bibliográficas

ABRAMO, H.W. **Cenas juvenis**. Punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta, 1994. 172 p.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Número especial: Juventude e contemporaneidade, ANPED, nº 5-6, maio-dez., 1997. p. 25-36.

ABRAMO, H.W., FREITAS, V. e SPOSITO, M.P. (orgs.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000. 136 p.

ALVIM, R. e GOUVEIA, P. (orgs.). **Juventude anos 90**. Conceitos, imagens, contextos. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. 160p.

AMIT-TALAI, V. e WULFF, H. (eds.). **Youth cultures**. A cross-cultural perspective. Londres/Nova York: Routledge, 1995. 240 p.

ARCE, J.M.V. **Vida de barro duro**. Cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. 184 p.

BOURDIEU, P. La “juventud” es apenas una palabra. In: BOURDIEU, P. **Cuestiones de Sociología**. Madri: Ediciones Istmo, 2000. p. 142-154.

CASTRO, M. et al. **Cultivando vida, desarmando violências**. Experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: Unesco/Brasil Telecom/Fundação Kellogg/Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001. 583 p.

- CECCHETTO, F.R. Galeras *funk* cariocas: os bailes e a construção do *ethos* gerreiro. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M. (orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 145-165.
- CHAUÍ, M. Introdução. In: LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1999. p. 9-56.
- DUNNING, E. e MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, ano 5, n° 2, 2º semestre 1997. p. 321-348.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. 2ª edição. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. 352 p.
- FEIXA, C. **El reloj de arena**: culturas juvenis en México. México: Causa Joven, Centro de Investigación y Estudios sobre la Juventud, 1998. 206 p.
- FRANCH, M. **Tardes ao léu**. Um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPE, Recife, 2000. 235 p.
- FONSECA, C. **Família, foca e honra**. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. 346 p.
- HEILBORN, M.L. **Conversa de portão**. Juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984. 203 p.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**. O jogo como elemento da cultura. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1980. 242 p.
- MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço**. Cultura popular e lazer na cidade. 2ª edição. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998. 192 p.
- MAYOL, P. Primeira parte: morar. In: CERTAU, M., GIARD, L. e MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2**. morar, cozinhar. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1996. 373 p.
- NOVAES, R. Hip Hop: o que há de novo? In: BUARQUE, C. et al. **Perspectivas de gênero**. Debates e questões para as ONGs. Recife: GT Gênero – Plataforma de Contrapartes da Novib/SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002. p. 110-137.
- PORTELLA, Ana Paula. **Gênero e sexualidade entre jovens do Recife**. Recife: SOS CORPO, Gênero e Cidadania, 2002 (no prelo). 28 p.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas/São Paulo: Ed. Autores Associados, 1996. 128 p.
- SOUTO, Jane. Os outros lados do *funk* carioca. In: VIANA, Hermano (org.). **Galeras cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 59-93.
- SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social** (Revista de Sociologia da USP), v. 5, nºs 1-2, novembro de 1994, p. 161-178.
- VIANA, Hermano. **O mundo funk carioca**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988. 116 p.
- _____. (org.). **Galeras cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 280 p.
- ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985. 265 p.
- _____. Para não dizer que não falei de samba. Os enigmas da violência no Brasil. In: SCWARTZ, Lilian (org.). **História da vida privada no Brasil**, vol. IV. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 245-318.

Abstract

In spite of the increasing visibility of cultural activities for young people in the peripheries of large cities, free time among poor youth is usually understood as a sign of poverty, alienation and threats. This article discusses these conceptions and presents ethnographic observations of free time among young people living in a poor community in Recife. The study of practices of conversation and games on the street can provide observers with a better understanding of the relations between genders and among generations, identify the logic of sociability, and observe how youngsters deal with violence. In addition, the study of a number of institutions that offer activities to occupy young people's free time allows one to analyze the discourse of the fight against idleness, a very important issue in these institutions. The data was obtained from anthropological research, including participatory observation, in-depth interviews, and questionnaires.

Enviado para publicação em 25/10/2002.

